



LUÍS ANÍBAL VALENTE ALMEIDA

(1908-1975)

Por Joaquim Quelhas dos Santos

(Professor Catedrático Jubilado do Instituto Superior de Agronomia)

Luís Aníbal Valente Almeida obteve a licenciatura no Instituto Superior de Agronomia em 1935, após ter concluído a parte escolar do curso de Eng^o Agrónomo em 1931/ 32, realizado o tirocínio no Laboratório químico da Estação Agrária Central e apresentado, como Relatório Final de Curso, um trabalho intitulado «*Subsídio para o Estudo Químico- Biológico do Mel Nacional*». Ainda no mesmo ano de 1935 concluiu o já antes referido Curso de Aperfeiçoamento de Química lecionado pelo seu antecessor, Prof. Boaventura de Azevedo.

Logo após a Licenciatura, obteve uma bolsa do Ministério da Agricultura que lhe permitiu frequentar, na Alemanha, primeiro a «*Philips Universitat*», em Marlburg, e, posteriormente, a *Friedrich-Wilhems Universitat*, em Berlim, na qual viria a obter o Grau de Doutor em Agronomia. Regressado a Portugal em 1938, iniciou a atividade profissional como Eng^o Agrónomo Químico-Analista na Direção Geral dos Serviços Agrícolas, para trabalhar no Laboratório Químico Central. Passados cerca de dois anos, foi nomeado Investigador-Químico para dirigir o departamento de Química da Estação Agronómica Nacional, a qual, recentemente, tinha sido criada em substituição da anterior Estação Agrária Nacional.

Em 1944, tendo falecido prematuramente, com já antes referimos, o Prof. Jaime Boaventura de Azevedo, o Investigador Valente Almeida foi convidado pelo Conselho Escolar do ISA para, como Professor Catedrático Interino, lecionar as duas disciplinas que o primeiro tinha a seu cargo: Química Geral e Análise e Química Agrícola. Passado cerca de um ano, viria a ser nomeado Professor Catedrático Efetivo, continuando a reger aquelas duas disciplinas: a primeira até ao ano letivo de 1959/60; a segunda até à sua morte, em 1975.

Na disciplina de Química Geral e Análise, pelo que nos foi dado observar como seu aluno e mais tarde como colaborador, terá mantido, no essencial, os programas que tinham sido seguidos pelos seus antecessores, nomeadamente o último, Prof. Boaventura de Azevedo. Também nunca fez «folhas» de apoio às aulas teóricas da disciplina, facto que, como já tivemos ocasião de notar, consideramos ser, em termos pedagógicos, uma lacuna. No entanto, parece conveniente recordar que, no caso concreto do Prof. Valente Almeida, aquela «falha» não terá sido grave; e isto por dois motivos: por um lado, as aulas, nas quais as matérias apareciam sempre bem «arrumadas», eram dadas de forma que, com muita facilidade, os alunos pudessem tirar apontamentos; por outro lado, existia já uma tradução, em língua

espanhola, de um bom livro de texto: *Química General Moderna de Babor-Ibarz*. De notar, também, que a disciplina, tanto em termos de matéria teórica como prática, estava praticamente limitada à química inorgânica.

Já na disciplina de Química Agrícola, o Prof. Valente Almeida viria a introduzir, pelo menos no que respeita às aulas teóricas, uma alteração profunda, a qual, em nosso entender, não terá sido a mais conveniente. Efetivamente, o Prof. Valente Almeida passou a ocupar as aulas teóricas da disciplina com Química Orgânica, sobretudo com a chamada Fitoquímica, na qual tinham uma larga predominância os então chamados hidratos de carbono. Haveria interesse no ensino desta matéria na área da Química Agrícola? Certamente que sim, até porque, como atrás se disse, a Química Geral estava praticamente identificada com a química inorgânica. Só que, no amplo domínio da Química Agrícola, havia matérias que, já nessa altura, cremos serem merecedoras de maior atenção do que aquelas breves referências que o tempo disponível nas aulas práticas lhes permitia fazer. Referimo-nos, concretamente, ao estudo da nutrição das plantas, da fertilidade dos solos e do uso dos fertilizantes. Em relação a estes últimos, e em particular no que respeita aos adubos minerais, recordamos que, como se disse a propósito dos Professores Rebelo da Silva e Boaventura de Azevedo, o segundo, cremos que pelas razões já apresentadas quando a ele fizemos referência mais detalhada, também não deu, pelo menos no que respeita ao estudo e divulgação das condições de aplicação, inteiro seguimento à ação desenvolvida pelo seu antecessor, o Prof. Rebelo da Silva.

Uma tal situação viria, no entanto, a ser alterada quando, no ano letivo de 1959/60, iniciámos funções docentes na Secção de Química do ISA, como assistente, tendo a nosso cargo, além de outras, as aulas práticas de Química Agrícola. Nessa altura, com a plena concordância do Prof. Valente Almeida, as aulas práticas daquela disciplina foram transformadas em teórico-práticas e passaram a ser dedicadas, na sua quase totalidade, à apresentação de noções gerais sobre nutrição vegetal, fertilidade dos solos, fertilizantes e fertilização, e à análise de terras e de fertilizantes. Foram, deste modo, eliminadas muitas análises de outros produtos que até então eram feitas, o que não nos pareceu grave uma vez que, entretanto, havia já a possibilidade de elas serem incluídas nos planos de estudos de disciplinas lecionadas noutras Secções do ISA, nomeadamente na Tecnologia Agrícola. Aliás, na própria Secção de Química existia já, após a Reforma de 1952, uma *disciplina complementar* de Análises Agrícolas (a qual, durante alguns anos, também foi regida pelo Prof. Valente Almeida).

Em relação àquela última disciplina, permitimo-nos emitir a opinião pessoal de que, se ela tivesse sido criada com um «peso» igual ao das outras cadeiras da Secção, talvez o Prof. Valente Almeida, com a sua excelente formação na área da investigação laboratorial, a tivesse elegido como principal suporte das suas atividades de ensino e aplicação prática. Lembramos, em grande parte por experiência própria, o seu valioso contributo para a «formação laboratorial», de Preparadores, Tirocinantes, Técnicos e Docentes da Secção de Química.

Mas, voltando às novas matérias incluídas na Química Agrícola, é conveniente salientar que o Prof. Valente Almeida, embora sem nunca as ter ensinado, cedo compreendeu que, sobretudo no que respeitava à introdução dos adubos minerais no País, estava aberto um importante campo de Experimentação/Investigação no domínio da procura de soluções para que eles pudessem ser corretamente usados

em diferentes solos e culturas. Daí que, na quase totalidade da sua atividade não docente, tenha privilegiado a criação de condições para que pudessem ser efetuados estudos naquele domínio. Salienta-se, a este respeito, o facto de o Horto de Química Agrícola, criado pelo Prof. Rebelo da Silva em 1926 e recriado em 1935 pelo Prof. Boaventura de Azevedo (que, como se disse, nunca chegou a trabalhar, e que foi parcialmente destruído por um ciclone em 1941), viesse finalmente a ter condições para que pudesse funcionar, tal como o Prof. Valente Almeida disse num interessante e oportuno trabalho intitulado «*A Investigação Científica relativa à Química Agrícola no Instituto Superior de Agronomia*», do qual se transcreve uma breve passagem:

«Em 1951, precisamente 30 anos depois da concessão da primeira verba destinada ao Horto, começou a terceira tentativa que julgamos definitiva para a sua instalação, pois nesse ano foi inscrita no orçamento regular do Instituto uma verba de 50.000\$00 para a construção da armação metálica e cobertura de rede e arranjo de todo o local.

Em 1952, com a prestimosa colaboração do Laboratório Químico Agrícola Luís António Rebelo da Silva, da Direção Geral dos Serviços Agrícolas, que amavelmente mandou construir e pôs à nossa disposição 100 vasos para experiências do tipo Mitscherlich, pôde o Horto funcionar pela primeira vez, permitindo a realização de um estudo sobre o valor agrícola de vários adubos fosfatados (...).

O ano de 1953 marca uma viragem na história da instalação do horto de Química Agrícola, pois nesse ano Sua Ex^a o Subsecretário de estado do Comércio e da Indústria, tendo conhecimento da experimentação que se estava fazendo, autorizou a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos a conceder ao ISA a verba de 140000\$00 destinada ao financiamento das obras previstas para acabamento do Horto. Compreendiam estas obras um hangar envidraçado para recolha das culturas no tempo chuvoso e dois compartimentos, um para servir de depósito de material e para preparar as experiências e outro para a realização de certas operações preliminares de análise química (...).

A título de curiosidade, informamos que a tentativa referida por Valente Almeida em relação às instalações do Horto ainda não viria a ser a última. Efetivamente, alguns anos após a sua morte, e numa altura (1987) em que o signatário era já o principal responsável pela Secção de Química do ISA e o Eng^o Soveral Dias exercia o cargo de Diretor do Laboratório Químico-Agrícola Rebelo da Silva (LQARS) foi estabelecida uma parceria para a utilização comum do Horto, a qual permitiu, graças ao apoio material conseguido pelo LQARS para a ampliação e modernização das instalações, criar condições para que docentes e alunos do ISA, e técnicos e investigadores do LQARS tivessem melhores condições para ali efetuarem a componente experimental da grande maioria dos seus trabalhos.

A propósito da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, não podemos deixar de referir o facto de aquele Organismo ter criado no ISA, para trabalhar sob orientação do Prof. Valente Almeida, um núcleo de técnicos e analistas que muito viriam a contribuir para o avanço da experimentação/ investigação nos Laboratórios e no Horto de Química Agrícola. De entre esses técnicos permitimo-nos salientar o Eng^o Agrónomo Luís Balbino, ao qual, em nosso entender, se deve atribuir o mérito de ter conseguido que nos trabalhos efetuados no Horto, na sua

maior parte ligados à fertilidade e à fertilização, se passasse a falar de *solos* em vez de *terras*.

O Prof. Valente Almeida, como se vê, criou condições para que, no Horto e nos laboratórios de Química do ISA, pudessem ser feitos vários trabalhos no domínio da nutrição e fertilização das plantas. Não conseguiu, no entanto, criar estruturas, semelhantes às então já existentes noutros países, para que os ensaios também fossem realizados em pleno campo e continuados por vários anos.

Creemos que, em grande parte por isso, o Prof. Valente Almeida incentivou a ida de alguns dos seus colaboradores para trabalharem em Empresas Adubeiras, nas quais poderiam executar, sempre que possível em ligação com a Secção de Química do ISA, trabalhos que, no Instituto, por falta de infraestruturas físicas e suporte financeiro, não era possível efetuar. Por outro lado, há um aspeto que também tem de ser salientado, e que tem a ver com algumas «limitações» que o Prof. Valente Almeida sabia ter em relação a tarefas que exigissem «trabalhos de campo», mais concretamente ações que tivessem de ser desenvolvidas no contacto direto com os Técnicos Regionais e mesmo com os próprios agricultores. Recorde-se que o Prof. Valente Almeida, ao contrário do que aconteceu com quase todos os seus antecessores, chegou ao ensino Superior Agrícola vindo diretamente da Investigação. Quer dizer, nunca tinha sido «agrónomo de campo», nem tinha dado aulas em cursos elementares/médios do ensino agrícola, os quais, pela sua índole e locais onde eram ministrados, proporcionavam mais contactos com as características do meio rural. Acresce, ainda, que o Prof. Valente Almeida nasceu e cresceu em Moçambique, (na cidade então chamada Lourenço Marques), num meio que, de acordo com as informações que próprio nos transmitiu, também lhe não proporcionaram contactos com o «campo».

De qualquer modo, o Prof. Valente Almeida, embora nunca tenha ensinado adubos, colaborou com praticamente todas as Empresas Adubeiras sediadas no País, ou que, como sucedia com o «*Institut International de la Potasse*», aqui tinham representações técnico-científicas. No entanto, em termos de prestação de serviços a nível pessoal, a colaboração às Empresas era exercida prioritariamente, senão mesmo exclusivamente, na sua condição de químico, isto é, no âmbito da análise e certificação dos produtos, temas nos quais, como se deduz do atrás foi dito, ele se sentia muito mais à vontade.

E, por outro lado, não pode deixar de se salientar também o facto de o Prof. Valente Almeida ter tido uma acentuada projeção internacional na comunidade científica dedicada ao estudo dos adubos, para tal contribuindo, fundamentalmente, dois factos: dominava perfeitamente a língua alemã (e a Alemanha, como certamente é do conhecimento geral, foi pioneira na descoberta da quase totalidade dos adubos de síntese mineral); publicou, geralmente em conjunto com os seus colaboradores, alguns trabalhos que viriam a dar importantes contributos para que os adubos, e mesmo alguns dos outros fertilizantes, pudessem ser utilizados de uma forma mais correta. Daí que ele, sobretudo a nível da Europa, tenha participado, muitas vezes com elevado grau de responsabilidade na Organização, em diversos Congressos, Simpósios e outras Reuniões científicas em que eram apresentados e discutidos os avanços de conhecimentos que iam ocorrendo no domínio da Nutrição vegetal, Fertilidade dos solos e Fertilização.

Para além do Ensino e da Investigação, e das tarefas inerentes, o Prof. Valente Almeida desempenhou, dentro e fora do ISA, diversos cargos, dos quais salientamos: Diretor da Biblioteca e Presidente da Comissão de Redação dos Anais do ISA, Presidente da Comissão Técnica dos Métodos Químico-Analíticos e da Comissão para o Estudo da Fertilidade da Terra.

O Prof. Valente Almeida viria a falecer, repentinamente, em outubro de 1975, quando ainda lhe faltavam três anos para ser jubilado. E, sendo assim, ocorre-nos fazer a seguinte pergunta: se o Professor Valente Almeida não tivesse falecido naquela altura, será que poderia ter continuado a desempenhar, com a habitual competência e dedicação, as funções de docente e de principal responsável por todas as outras atividades da Secção de Química do ISA?

Limitando-nos, com é óbvio, a uma interpretação inteiramente pessoal, somos de parecer que muito dificilmente isso poderia vir a acontecer. Em termos de ensino, o Prof. Valente Almeida não iria querer abdicar do seu programa das aulas teóricas que tinha a seu cargo (Fitoquímica, com se disse); mas era já por demais evidente que aquela e outras matérias do mesmo domínio científico começavam a ser dadas noutras Secções, principalmente na Botânica. Aliás, a curto prazo (1979), viriam a ser criadas a disciplina de Fisiologia Vegetal na Secção de Botânica, e, na própria Secção de Química, as disciplinas de Química Orgânica e de Bioquímica.

Quanto às atividades não docentes da Secção, o Prof. Valente Almeida, que sempre se mostrou defensor da tradição de haver um único Professor Catedrático na Secção, teria muita dificuldade em partilhar um «poder de decisão» que o novo condicionalismo instalado em todas as Secções do ISA lhe iria exigir.

O Prof. Valente Almeida (que, repete-se, foi um Professor competente e dedicado, e que muito prestigiou o Instituto Superior de Agronomia), provavelmente, passaria a eleger como principal atividade a continuação de estudos sobre os problemas da fertilização e, sobretudo, a sua divulgação, com mais assiduidade, em reuniões científicas.

A concluir, deixamos uma breve informação sobre o que foi o futuro próximo da Química Agrícola. Pode dizer-se que a disciplina desapareceu com a morte do Prof. Valente Almeida. Efetivamente, quando logo nessa altura passámos a ser o seu responsável, embora formalmente continuasse, até 1979, a manter-se a designação de Química Agrícola, o programa das aulas teóricas passou a ser dedicado, exclusivamente, à Nutrição Vegetal, Fertilidade dos Solos e Fertilização. A partir de 1979, com a passagem ao regime semestral, a disciplina de «Química Agrícola» foi eliminada e, em sua substituição, criadas as disciplinas de Nutrição Vegetal e Fertilidade do solo e a de Fertilizantes e Fertilização, inseridas, respetivamente, no 2º semestre do 2º ano e no 1º semestre do 3º ano.